



# O Malho

Rio de Janeiro, 14 de Janeiro de 1922

## O rumo da campanha

A CAMPANHA presidencial está levando o paiz a exaggeros lamentaveis. Conduzida como ella tem sido, através de mil e uma peripecias, imprevistos e surpresas, pela mão dos magicos, que chamaram a si as responsabilidades dos acontecimentos, a campanha não se beneficia das lições democraticas que o mundo americano e europeu dá nesta hora grave e decisiva, nem serve ao regimen, para o qual ella, talvez, muito pudesse

concorrer, saneando-lhe a atmospheria empestada de tudo quanto é traficancia que a monarchia nos legou, quando os republicanos entenderam de botar-a abaixo, deportando o velho monarcha e a sua gente.

Os processos adoptados têm sido máos e perniciosos. Os belligerantes não querem viver, lutar e ganhar pela persuasão, e preferem a compressão como arma mais summaria e mais efficiente, capaz de resolver, pela logica da força, o curso inevitavel dos destinos. A campanha, deixando de ser doutrinarria para ser combativa, vae pouco a pouco perdendo o seu feitio primitivo, transforma os adversarios em inimigos figadaes e acabará por se circumscrever na orbita sangrenta das aggressões covardes e das barbaras eliminações.

De nada lhe têm servido os ensinamentos dos norte-americanos, dos inglezes, dos allemães e mesmo dos italianos. No ardor da refrega quer-se aqui pleitear o supremo governo da Nação como em Portugal a marinagem sedenta de sangue pleitea as quedas dos gabinetes ministeriaes e no Mexico e no Paraguay a indisciplina armada intervém na solução dos problemas civis, isto é, quer-se aqui a desordem do centro para o littoral, a anarchia e o chaos, para que de tudo isso venha, afinal, a emergir a figura esquiva e disfarçada do vencedor.

A campanha não serve ao regimen, porque o está attribulando de sobresaltos, o está fazendo apprehensivo, minando-o nas suas energias e ameaçando retardal-o no rumo das suas conquistas.

Mesmo encerrado, o Congresso deixou o virus da sua eloquencia dissolvente e infecciosa. As ultimas palavras dos oradores que ali tanto exploraram a situação, os casos creados, ainda vibram e ainda ecoam. Nós sabemos o que é, neste paiz, a tribuna parlamentar. Desde os ultimos dez annos em que a monarchia se foi acabando, no ambiente morno dos seus erros fataes, que a essa tribuna nunca mais tornou a subir, salvo uma ou outra excepção honrosa, um homem cuja voz fosse incisiva e levasse até aos quatro cantos da nacionalidade a expressão viril das grandes convicções inflexiveis, dos altos e potentes enthusiasmos, ou dos profundos e implacaveis desdens. Esta pobre tribuna deserta degradou-se successivamente e é hoje uma barrica vasia de bacalhau, onde qualquer imbecil trepa para vomitar, impune e escorado nas immunidades constitucionaes, as mais negras heresias, que os Annaes guardam como reliquias preciosas.

Necessariamente, de tudo isto decorre um vasto e desgraçado trabalho de assimilação e desassimilação, que é, no fim de contas, o que constitue a existencia organica da sociedade que ali está, marasmada na sua opinião, pela in-

diferença das maiorias, sem o habito das meditações, alheia ao criterio sereno com que se julgam os homens e as cousas.

Os politicos arrebatados na onda rubra da anarchia, que crearam no Congresso a agitação e ainda querem diffundil-a no seio das camadas populares, alirando-as umas contra as outras, parece que perderam de todo as responsabilidades de cidadãos brasileiros guindados ás posições elevadas. Offenderam a Jupiter, sem duvida, e estão recebendo o justo premio do castigo, com a perda lenta, porém inevitavel, do juizo.

Ainda uma vez, crivada de dividas e aso-berbada de sacrificios, com a sua lavoura parada, a sua industria abandonada e o seu commercio escorchado de impostos, com o seu povo desnorteado pelas ambições dos governantes, a gente sertaneja do Brasil pede e espera que a capital da Republica não lhe dê o triste espectáculo de ser theatro de mashorcas condemnaveis.

